

Comemoração dos Fiéis Defuntos

02 de nov. de 2017

Sb 3,1-6.9 1Ts 4,13-18 Jo 6,37-40

Caríssimos irmãos e Irmãs:

Cada vez mais constatamos homens e mulheres de nosso tempo encarando a morte como uma realidade que existe sim, mas que poderá acontecer sempre, necessária e apenas, no vizinho ao lado. Muitos vivem – mesmo cristãos – como se ela fosse um mal que é preciso ignorar, camuflar, jamais mencionar e afastar o quanto possível.

São pessoas apegas à vida as que agem assim? Não! São pessoas apegadas a si mesmas. Se fossem apegadas à verdadeira vida aceitariam na fé que, após a morte, a vida continua e que receberiam um corpo glorioso para estar na glória em Deus, porque a vida não existe para um eu, mas para o nós e para o vós; por excelência, para Deus. Deus não poderia ter nos criados para uma pulverização fatal.

Por conseguinte, quem ama a vida, que vai para além do seu eu, se prepara para a morte, que é uma páscoa, uma passagem desta para a eternidade. *“As almas dos justos, porém,*

estão na mão de Deus, e nenhum tormento os atingirá”, nos afirma a Palavra presente no livro da Sabedoria.

Entretanto, como a fé na ressurreição é cada vez mais insipiente, quando a morte se aproxima o desespero parece ser o único recurso para se apegar ao restante do eu doentio que ainda se tem. Que lamentável viver assim!

Nascemos não para morrer, mas passar desta vida para a outra que não conhecerá ocaso. Eis a fé cristã que professamos. Diz-nos São Paulo *“Pois o Senhor mesmo, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descera do céu. E então ressuscitarão, em primeiro lugar, os que morreram em Cristo; depois, nós, os vivos, que ainda estivermos em vida, seremos arrebatados, junto com eles, sobre as nuvens, ao encontro do Senhor, nos ares. E, assim, estaremos sempre com o Senhor. Reconfortai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.*

Quando um cristão se prepara para a sua páscoa definitiva tudo em sua existência terrena tem peso de relatividade, prazo de validade, valor de viabilidade e projeto de verdadeiramente amar a Deus, aos irmãos e a toda a criação já antecipando a eternidade. Todavia, nada nesta vida é absoluto senão Deus.

Perpétuos, porém, são os compromissos feitos a Ele, perante Ele e quando somos por Ele consagrados.

Podemos, com certeza, afirmar que a vida de um cristão se entrelaça como fios num tear, entre o que passa e o que não passa entre o que é provisório e o que é definitivo entre o que é relativo e o que é absoluto, portanto, divino.

Assumido a vida como um equilibrista caminhando sobre um fio, entre o que é e o que ainda virá a ser, pois viver é exatamente isso, em Deus o cristão vai curando-se de toda e qualquer suscetibilidade para atingir a objetividade, para encarar a vida como ela é e, assim, orientando, com a luz da fé, a subjetividade nem sempre sadia. O resultado disso é: sofre-se menos e de forma suportável, não cedendo à tentação da fuga para a loucura, ilusão, fantasia e o virtual.

Entretanto, para se estar todo inteiro na vida que se leva é preciso deixar-se guiar Evangelho, que restaura toda personalidade marcada pelo pecado original. Dessa forma, ser e agir não conhecerá descontinuidade; amar e gostar se abraçarão como se fossem feitos um para o outro em necessária complementaridade, e a integridade de uma pessoa, renascida pelo sacramento do batismo, naturalmente e sem orgulho algum,

será resultado da súplica por socorro a Deus e aos irmãos para ser mantida em seus bons propósitos e erguida de suas infundáveis quedas.

Caros irmãos e irmãs, o último inimigo que deveria ser vencido, que é a morte, já o foi quando o Senhor o destruiu pela sua morte, no sacrifício do altar da cruz. Portanto, de mortais, em Cristo, tornamo-nos imortais. *“Pois esta é a vontade do meu Pai: que toda pessoa que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna. E eu o ressuscitarei no último dia”*, conforme o Evangelho que acabamos de escutar.

Peçamos a Deus que a celebração neste dia da Comemoração dos Fieis Defuntos nos ajude a crer mais firmemente na vida eterna e pela nossa vida presente proclamar, mais convincentemente, a fé na ressurreição.

Todos nós, sem exceção, chegaremos um dia às margens do Jordão e faremos a travessia do mesmo para pisar na Terra Prometida. Sem medo, muito lucidamente, nos preparemos cotidianamente para esse momento de nossa existência em Deus e para Deus. São Bento nos aconselha ter a morte diariamente diante de nossos olhos, nos Instrumentos das Boas

Obras. Acolhamos essa sabedoria de vida para vivermos em plenitude.

A Eucaristia que estamos celebrando, em sacramento, já antecipa o festim da gloriosa Jerusalém, meta à qual deveremos atingir, porque Deus nos fez para viver em plenitude a comunhão com Ele, e Nele imersos, entre nós.

Deus nos abençoe a todos!